

Antropología. ¿Por qué importa?



Ingold, Tim. 2020. *Antropología. ¿Por qué importa?* (E. Gómez Parro, Trad.). Madrid, Alianza Editorial. (Obra original publicada em 2018)
ISBN: 9788491818389, 136 pp., 16,32€
DOI: https://doi.org/10.14195/2182-7982_38_6

Este breve ensaio, de 145 páginas, do Professor Tim Ingold (Universidade de Aberdeen, cf. <https://www.abdn.ac.uk/socsci/people/profiles/tim.ingold>), apresenta uma importante reflexão sobre o valor e a importância da antropologia nos dias de hoje. O livro foi publicado em inglês, em 2018, e traduzido para espanhol em 2020. É com base nessa tradução que fazemos a seguinte recensão. O livro está estruturado em 5 capítulos que no seu conjunto são uma espécie de antropologia da antropologia, uma defesa e hagiologia da própria antropologia.

O primeiro deles foca a relevância da antropologia como ferramenta social de convivência num mundo de sobreinformação, digitalização e excesso de fluxos informativos. Antropologia como ciência

em constante construção que olha para o mundo com a missão de interpretar ou explicar os costumes dos outros, colocar-nos no lugar do outro, partilhar com os outros, aprender da sua experiência, e ver a diversidade de possibilidades da vida humana. O autor questiona e critica radicalmente o que ele designa por “negócio de ‘produção do conhecimento’” (p.16), defendendo uma antropologia que está menos preocupada com a criação de produtos de conhecimento objetivo do que com a procura de sabedoria. A sabedoria é entendida por ele como o aceitar dos outros na nossa existência, experiência, imaginação, proximidade, afetividade, estudar com as pessoas face ao estudar sobre. Neste sentido, e tomando como metáfora o campo do antropólogo como

laboratório de sabedoria, ele propõe a etnografia como fortaleza metodológica e resultado do exercício antropológico de produção do saber. A etnografia é, também, para ele um compromisso de aprender e uma educação do próprio antropólogo em campo. E, de forma complementar, a antropologia tem, segundo ele, o potencial para educar e transformar as vidas humanas, ao mostrar como vivemos e como podemos viver alternativamente.

O segundo capítulo aborda um dos temas clássicos da antropologia, a semelhança e a diferença. A sua proposta é uma defesa da diversidade cultural num mundo de diferenças onde a vida humana é um movimento do universal ao particular, uma tensão entre convergências e divergências. Para o autor, o uso da ideia de cultura como produto inato pressupõe uma lógica de superioridade que alimenta lógicas eurocêntricas que continuam a olhar para o passado e para o futuro a partir do presente, naturalizando semelhanças e culturalizando diferenças. Ingold contraria estas formas de pensar convencionais e afirma que não é a cultura que separa os indivíduos, antes que essa distinção resulta dos condicionais estabelecidos pelas relações e interações entre os indivíduos. Para Ingold, a diferença não separa e divide, porém une todos os seres humanos na diferença. O autor desconsidera interpretações populistas e extremistas da diferença como barreira inultrapassável entre nós e os outros e demarca-se da perspectiva de

confronto identitário de Edmund Leach, para defender a diferença como cimento social e mecanismo relacional. Ingold propõe um novo sentido de comunidade e de identidade relacionais, que conjuga a igualdade de direitos e obrigações com a tolerância pelas diferenças entre cidadãos. Esta proposta tem implicações políticas e converte a antropologia numa ferramenta intelectual importante que pode ser utilizada em debates públicos nas sociedades atuais.

O terceiro capítulo é uma mirada à própria disciplina da Antropologia e às suas divisões internas. Começa por questionar a divisão entre a antropologia sociocultural e a antropologia biológica, que assenta na divisão geral entre ciências naturais e humanidades. Essa fragmentação e inconexão, filha da época da Ilustração, tem como ponto em comum o estudo da evolução humana do ponto de vista anatómico (antropologia biológica), institucional (antropologia sociocultural) e material (arqueologia). Ao longo do capítulo faz uma revisão histórica crítica dos muitos pontos de encontro e de alguns distanciamentos entre as diferentes antropologias. O capítulo é mesmo encerrado, fazendo alusão à perspectiva de muitos autores que, no final do século passado, questionavam a pertinência da antropologia enquanto ciência, dada a aparente crise teórica que atravessava.

O quarto capítulo é um exercício de repensamento de categorias analíticas convencionais, tais como aquelas que

opõem “sociedades tradicionais” a “sociedades modernas”, “sociedades de pequena escala” a “sociedades complexas”. A gênese destas categorias analíticas convencionais foi moldada pelo impacto do paradigma evolucionista nos primórdios da história da antropologia, e Tim Ingold mostra como ao longo do século XX a questão da evolução foi deslocada para dar lugar a outros enquadramentos analíticos mais preocupados com questões de função, estrutura, significado (o que as pessoas dizem e fazem), modos de produção, modos de adaptação e formas de transação. Na parte final deste capítulo, apresenta a sua tese da complementaridade, segundo a qual o ser humano é um ser social e um organismo biológico, fruto da ontogênese, isto é, um processo de geração do ser e da vida. O ser humano é biossocial, afirma (p. 101), com corpo e mente, e, portanto, não pode haver duas ontologias separadas entre o biológico e o social, e, assim, segundo ele, tem de haver negociação e entendimento para melhor compreender o ser humano.

O capítulo quinto, e último, é uma alavanca da antropologia para o futuro, uma mirada pessoal do que deveria ser a antropologia no futuro, um desejo e uma proposta deste laureado antropólogo. Começa por se queixar da ausência de antropólogos nos debates sobre a sustentabilidade e o habitar do mundo, sendo que o antropólogo questiona de forma diferente esses problemas e, portanto, informa sobre soluções diferentes

e complexas para problemas complexos. Face ao que ele define como poder supremo da economia, a antropologia está subordinada face a outras ciências sociais por estudar a cultura, e reivindica a sua importância face ao poder do mercado, proporcionando contributos inescrutáveis como o de mostrar diferentes possibilidades nas condições de existência vital. Ao contrário de muitas imagens estereotipadas dos antropólogos, tão bem representadas pela famosa vinheta de Gary Larson, o autor propõe uma apologia da antropologia que mude as coisas em prol do benefício dos antropólogos. Como? Reestabelecendo a antropologia como uma disciplina independente e não um aglomerado de subdisciplinas separadas, obtendo um novo acordo entre antropólogos biofísicos e antropólogos socio-culturais, e demonstrando o potencial da antropologia para transformar vidas. Ademais, assinala uma outra aliança entre antropologia, ciência e arte: “Creo que el futuro de la disciplina radica en otra parte, en la convergência contemporânea de la ciencia y el arte” (p. 113). Justifica esta proposta como uma forma de visibilizar o que não se vê e aumentar a consciência sobre a vida e o ser humano.

Ingold escreveu um livro estimulante e provocador, claramente pensado tanto para curiosos, como para alunos e professores de antropologia. No entanto, esta obra acaba por prender-se nas transições pessoais e históricas do pensamento antropológico e não explica satisfatória-

mente como pode a antropologia realinhar um mundo que parece estar a entrar numa fase de crescentes incertezas e caos social. Entrelaçando a sua própria biografia e percurso científico com os conteúdos teóricos descritivos que marcaram os diferentes momentos da antropologia. Se a antropologia é hoje mais importante que nunca, fica por esclarecer o porquê e o como, ficando o leitor sim com a certeza de que, para Ingold, a antropologia é uma anti-disciplina, que questiona o mundo e os outros, estabelecendo uma conversa que muda as nossas vidas com a capacidade de transformar a vida de acordo com uma ética da atenção aos outros. “Antropologia. ¿Por qué importa?” é, sem dúvida, uma proposta integradora e aberta para repensar a geopolítica da antropologia no campo dos saberes académicos e nas sociedades contemporâneas atuais, mais além de um simples e desgastado corporativismo disciplinar.

Nota e agradecimentos

Este trabalho enquadra-se nas linhas de investigação do CETRAD, um centro financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/04011/2020. No caso de Xerardo Pereiro, a leitura deste livro foi possível graças a uma bolsa de estadia Sócrates-Erasmus da UTAD no Departamento de Antropologia da Universidade de Barcelona, agradeço a Camila del Mármol, Xavier Roigé e Jordi Gascón a

excelente acolhida no departamento, em março de 2020 e antes do confinamento da pandemia pelo coronavírus COVID-19. Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDB /04020/2020.

Xerardo Pereiro

CRIA – Centro em Rede de Investigação em Antropologia
Departamento de Economia, Sociologia e Gestão
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
xperez@utad.pt

Edgar Bernardo

CinTurs – Centro de Investigação em Turismo,
Sustentabilidade e Bem-estar,
Departamento de Economia
Universidade do Algarve
eabernardo@ualg.pt